

## RECADO DE PARIS

Paris, junho — Calder, o homem dos "moblies" está na terra, com a senhora e uma filha. Encontrei-o outro dia em casa de um amigo. Muito alegre: tanto que resolveu dançar um samba com... Juan Miró. O pintor espanhol (que prepara uma exposição) não estava com muita vontade, mas também não pôde resistir: tem menos da terça parte do peso e da altura do escultor americano...

Fernand Leger, alías muito triste por causa de seu imenso trabalho para a ópera fracassada de Darius Milhaud, resistiu ao convite de Calder: éle também é peso-pesado. E a viúva de Marinetti falava com esaudade do Brasil, dos ônibus da Bahia que ficaram com o nome do escritor futurista e outras coisas. Veio a Paris acompanhar a exposição dos primeiros modernos italianos — e acompanhada de duas filhas encantadoras. Uma canta bem "A torre de Pisa" e outra compõe música.

Quanto à exposição italiana (no Museu de Arte Moderna) tem, antes de mais nada, dezesseis quadros e três esculturas do melhor Modigliani. Depois vem o sensível De Pisis, as primeiras obras de Boccioni, Sironi, Severini, Manzù, Martini, os quadros "metafísicos" que De Chirico faz hoje a tolíce de renegar, suas pracas de Itália, suas nuvens inquietantes. E ainda Carrà, Funi, Rosai, Russolo, Campigli, Morandi. Muitas coisas que hoje não se explicaria mais: outras sempre belas. Depois dessa, parece que teremos uma exposição de pintura italiana mais recente.

Outra exposição boa: 73 aquarelas, gouaches e desenhos de Gericault, com seus belos cavalos e suas belas mulheres. Eis uma coisa que faz bem, em meio a tanta arte para exprimir coisas doentias e tristes; vêr a força, a paixão com que esse pintor que morreu tão moço empina seus cavalos e estira suas mulheres em um quadro.

No Petit Palais, uma exposição imensa que preciso rever com calma: "A Virgem na Arte Francesa" — a Virgem, desde a Idade Média até o Setecentos, em pintura, escultura, em ouro, em lá, em metal, pedra, madeira...

E em uma casinha muito velha fui vêr uma curiosa exposição de cerâmica de um rapaz que cismou de ir para o Brasil. Chama-se Robert Tatin e ganha esta semana um bom elogio em "Arts", que o chama de "camponês refinado" e fala de seus "quadros ceramizados". Tatin vai diretamente para o Rio, com seus tamancões grossos e sua mulher sorridente: arranjam af para éle um forno e um pouco de barro, que éle faz coisas belas.

R.B.

6.5.50

208